

Editorial

A QUEM INTERESSAR POSSA

Muitas foram as mudanças ocorridas nos últimos anos tanto no Brasil como no mundo. Devemos ter coragem de assimilar as transformações e nunca nos esconder delas. É fundamental adaptar-se a um tempo onde teclar pode, temporariamente, substituir um toque ou a voz humana e até mesmo um abraço ou um beijo. Sim... entretanto, algumas coisas jamais mudarão ou se tornarão obsoletas: honestidade, por exemplo.

Apesar de ser um país abençoado, o Brasil sofre com condições precárias de saúde pública, educação e segurança. Por todos os cantos desta enorme e amada terra é possível escutar os clamores por mais respeito à dignidade do ser humano. Como transformar esta realidade, fazendo deste país abençoado um local também tranquilo, pacífico e saudável onde os indivíduos demonstrem seu orgulho hasteando a bandeira nacional em frente às suas casas e cantem com respeito e sentimento o Hino Nacional? Só há uma simples e direta resposta: devemos nos tornar cidadãos verdadeiros, no mais completo sentido da palavra.

Nossa população alcança 200 milhões de indivíduos, dos quais 100 milhões são responsáveis por eleger os políticos que são constantemente acusados (ao menos parte deles) de desvio de dinheiro público – recursos estes que são provenientes de pesados impostos pagos inapelavelmente por aqueles que realmente trabalham, não importando se ganham muito ou pouco no final do mês. Este mesmo dinheiro desviado é o que deveria estar sendo empregado nas melhorias do trinômio mencionado anteriormente: saúde pública, educação e segurança. É o mesmo escasso recurso que vem de impostos que também proporciona bolsas de estudos de mestrado e doutorado em universidades públicas e privadas.

Peço licença para montar um tripé com outras palavras já mencionadas neste texto: honestidade/dinheiro público/bolsas de estudo. Encarando os fatos com toda a sinceridade, subitamente surgem algumas perguntas: é possível afirmar que os abençoados indivíduos que se qualificaram para bolsas de estudo oriundas de poucos recursos públicos têm se apresentado como cidadãos verdadeiros? Será que esses pós-graduandos estão promovendo as mudanças necessárias para transformar a realidade que os cerca, na condição de formadores de opinião e promotores de saúde altamente qualificados? Existe um real compromisso de dedicação do tempo necessário em benefício de tornar o Brasil um país melhor?

O ex-presidente americano John Kennedy certa vez disse: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você; pergunte o que você pode fazer por seu país!”.

Em nome daqueles que já passaram da metade da vida, permito-me dizer que a nova geração de mestres e pesquisadores deve urgentemente parar de se queixar e passar a ter

um comportamento positivo e propositivo de mudanças radicais, de um modelo nocivo e pernóstico para um padrão de atitudes e comportamento construtivo.

Voltando ao título deste editorial: “a quem interessar possa”... ou àqueles em quem sirva a carapuça.

Eduardo Galia Reston, MsD e Doutor

Professor Adjunto

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Odontologia

Universidade Luterana do Brasil